EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS E A ANTROPOLOGIA: O PROTAGONISMO DE PESQUISADORES/ AS INDÍGENAS – DESAFIOS DESCOLONIZADORES NA CONTEMPORANEIDADE

INDIGENOUS EPISTEMOLOGIES AND ANTHROPOLOGY: THE PROTAGONISM OF INDIGENOUS RESEARCHERS – DECOLONIZING CHALLENGES IN CONTEMPORANEITY

Deylane Barros Timbira [1]

Resumo: O presente trabalho surge a princípio com base nas orientações teóricas em estudos antropológicos da área de Etnologia Indígena, mais especificamente da tentativa de relacionar o meu interesse de pesquisa a alguns dos trabalhos lidos durante o decorrer da disciplina Etnologia Indígena, cursada no mestrado em Antropologia no segundo semestre de 2019. Trabalhos estes que me ajudaram a ampliar o campo teórico, em que autores e autoras indígenas e com percepções e narrativas descolonizadoras tomam maior destaque e estimulam minha pesquisa, na qual, como mulher indígena, me desafiarei a abordar um pouco de nossas epistemologias.
Palavras-chave: Antropologia; Epistemologias Indígenas; Gavião Pýhcop'catiji.

Abstract: The present work appears, initially, based on the theoretical orientations of anthropological studies in the field of Indigenous Ethnology, more specifically in an attempt to relate my research interest to some of the works read in the course of the discipline Indigenous Ethnology, studied in the Master in Anthropology in the second semester of 2019. These works helped me to broaden the theoretical field, in which indigenous authors with decolonizing perceptions and narratives are more prominent and stimulate my research, in which, as an indigenous, it will challenge me to address a little of our epistemologies.
Keywords: Anthropology; Gavião Pýhcop'catiji; Indigenous Epistemologies.

O presente trabalho surge a princípio com base nas orientações teóricas em estudos antropológicos da área de Etnologia Indígena, mais especificamente da tentativa de relacionar o meu interesse de pesquisa a alguns dos trabalhos lidos durante o decorrer da disciplina Etnologia Indígena, cursada no mestrado em Antropologia no segundo semestre de 2019. Trabalhos estes que me ajudaram a ampliar o campo teórico, em que autores e autoras indígenas e com percepções e narrativas descolonizadoras tomam maior destaque e

[1] Indígena dos povos Pýhcop'catiji e Creepym'catij (Timbira), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foi bolsista do Núcleo de Assuntos Indígenas – NEAI pelo Programa de Educação Tutorial Indígena – PET. Atualmente é bolsista da CAPES e pesquisadora vinculada à linha de estudos sobre corpo e marcadores sociais da diferença do PPGAS-UFG, Brasil.

estimulam minha pesquisa, na qual, como mulher indígena, me desafiarei a abordar um pouco de nossas epistemologias.

O tema proposto por mim para pesquisa dentro do mestrado será a análise do ritual de iniciação e reclusão de jovens *Ruurut*, do povo Gavião *Pýhcop catiji* da região sul do Maranhão. Ritual este onde as práticas corporais como os resguardos, a alimentação farta e algumas proibições contribuem para a produção e construção da corporeidade ou corporalidades destes jovens reclusos e a importância deste ritual na constituição do sujeito, da afirmação das relações de parentesco, das proibições alimentares, do papel dos fluídos corporais, do papel da ornamentação corporal e como essa experiência individual e coletiva dentro da reclusão cria um universo simbólico e social de significados, passado de geração em geração.

Dentre os trabalhos etnográficos de autores/as que escreveram sobre rituais e que busquei estudar para poder desenvolver melhor meu tema de pesquisa, escolher uma teoria, identificar através de leituras mais aprofundadas quais autores/as podem me direcionar a achar a chave teórica para sustentar a pesquisa, todas estas são ainda questões inquietantes para mim, mas que vão sendo aos poucos organizadas. Ao iniciar a escrita deste trabalho, onde tento relacionar um tema de etnologia indígena à minha pesquisa, me veio em mente falar um pouco sobre a própria inquietação e preocupação não só minha como sujeito indígena pesquisadora dentro da antropologia, um território relativamente novo, onde é crescente, na nossa atualidade no meio acadêmico, o interesse pelo reconhecimento de nossos saberes e epistemologias como não menos importantes ao saber científico.

Ao estudarmos a Antropologia, nós acadêmicos pertencentes a povos indígenas, conforme vamos aprendendo, desenvolvemos uma reflexão crítica sobre o seu desenvolvimento, mais especificamente sobre o desenvolvimento das antropologias norte-americana, britânica e francesa; podemos observar e compreender que a Antropologia passou por um processo de aprimoramento e desenvolvimento da teoria antropológica não só como ciência, mas dela mesma como disciplina ao longo do tempo, desde o chamado 'encontro colonial', onde o grande interesse da Antropologia era sobre a cultura dos povos que eram consideradas estranhos à sua. Podemos observar também que, mesmo diante da pluralidade dos conhecimentos humanos e epistemologias, se sobrepôs o conhecimento científico, e a forma pela qual os sujeitos e os discursos na sociedade ocidental são reconhecidos e legitimados é a entrada na universidade, um espaço construído historicamente como espaço de produção e valorização de conhecimento científico ocidental e colonial. Entretanto uma forma contemporânea de empoderamento político, intelectual e de autonomia epistêmicas indígenas é o acesso a estes espaços, antes inacessíveis. Quando nós indígenas entramos nesse espaço da Universidade, seja em busca de graduação ou pós-graduação, o primeiro impacto é inevitável, formas de viver, valores, linguagens diferentes e conhecimentos considerados como superiores aos nossos, que vão sendo absorvidos, criando muitas vezes em

alguns/mas um sentimento de baixa-estima dentre tantos outros obstáculos que fazem muitos desistirem.

Dos autores e autoras estudados ao longo da disciplina etnologia indígena no segundo semestre de 2019, um dentre os/as quais me ajudaram a pensar o meu papel como indígena dentro da antropologia, a importância de entender que pesquisar sobre nossas epistemologias é imprescindível, e todo este processo no qual nós acadêmicos indígenas estamos inseridos, está Gersem Baniwa (2019a; 2019b), antropólogo indígena. Em seu texto intitulado "Antropologia colonial no caminho da antropologia indígena", Gersem Baniwa levanta hipóteses na tentativa de entender o porquê da dificuldade de exercício da chamada interculturalidade para um processo mais adequado de escolarização e academização indígena. Dentre essas hipóteses está, segundo ele, o racismo epistêmico e o etnocentrismo da ciência acadêmica, que impossibilitam a prática de qualquer modalidade de interculturalidade e diálogo interepistêmico; ele fala também sobre a necessidade da 'vigilância epistemológica' para que não continue se perpetuando o processo de colonização através das estruturas disciplinares, entre elas a da antropologia.

Uma das primeiras lições que aprendemos dentro da antropologia é a de que o etnógrafo, antropólogo, como autor deve escrever um texto que cative o leitor, que descreva sua experiência ou a tradução dessa experiência no trabalho de campo para um público leitor, e a de que deve ir conhecer "o outro" e traduzir isso com um problema teórico, onde para o ocidente os povos indígenas sempre foram considerados esse "outro". E quando esse 'outro', que somos nós sociedades indígenas, que durante muito tempo só éramos vistos como 'objeto de pesquisa' pelos pesquisadores não indígenas, únicos que detinham o acesso à antropologia, e agora também estamos nessa posição de pesquisadores dentro da antropologia, buscamos inserir também nossas cosmologias com uma interpretação própria de nosso sistemas de saberes. Sobre essas novas formas de produção de conhecimento antropológico Caldeira nos fala:

> "O antropólogo não se encontra mais numa situação privilegiada em relação à produção de conhecimento sobre o outro. Ele não é mais aquele que reelabora uma experiência para explicitar a realidade de uma cultura com uma abrangência e uma coerência impossível para aqueles que a vivem no cotidiano. O antropólogo não é mais um sujeito cognoscente privilegiado. Perdendo o status de sujeito cognoscente privilegiado, o antropólogo é igualado ao nativo e tem que falar sobre o que os iguala: suas experiências cotidianas." (CALDEIRA, 1988, p. 142).

Por outro lado, nos apropriar das técnicas da antropologia como tentar transformar o familiar em exótico e ao mesmo tempo ser capaz de provocar em relação ao familiar um efeito de estranhamento na interpretação desses saberes é um grande desfio a ser superado. A tese do indígena João Paulo Lima Barreto [Tukano] (2013) "Wai-Mahsã: peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena" e também de Creuza Prumkwyj Krahô (2017) "Wato ne hômpu

ne kãmpa: convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mãkrarè)" lidas durante o curso de Mestrado em Antropologia Social me ajudaram a perceber que posso ter um olhar mais pautado pela valorização da nossa cosmologia e narrativas e um modo particular de expressar nossa lógica, tal como nos diz Carvalho:

> "Se falamos como o colonizador espera ouvir, nos desterritorializamos e passamos a participar de uma comunidade internacional que é fantasiada como sem fronteiras, porém que na realidade não possui âncora na nossa história. Somos então forçados cada vez mais a pensar nos interlocutores metropolitanos e como eles vão escutar o que estamos falando. E torna-se difícil conservar as duas lealdades: falar para a metrópole (conforme pressiona nossa academia periférica em busca de integração e legitimação), e ao mesmo tempo colocar também essa voz, na qual estamos implicados, da nossa subalternidade e da dos nossos subalternos, conterrâneos de destino, que desejamos representar." (CARVALHO, 2001, p. 156).

Um dos pontos da minha pesquisa a serem analisados é a forte preocupação, na atualidade, dos membros mais experientes de nossa comunidade, especificamente da realidade Gavião Pýhcop'catiji, que são os anciãos, sobre o intenso processo de orientação para a cultura não indígena sofrido pelos jovens da comunidade verificado nos últimos anos, onde os conhecimentos não indígenas muitas vezes se sobrepõem aos saberes tradicionais. Pois, apesar dos rituais e resguardos estarem sendo realizados, há uma certa descrença e falta de respeito aos resguardos por uma parcela desses jovens o que interfere muito na continuidade dos antigos conhecimentos e no modo de ser e de viver corretamente ao modo Pyhcop'catiji. O que constitui como prática de grande importância dentro do ritual de reclusão do Ruurut é a evitação do jovem recluso com o mundo dos mecarõ (almas), tendo que se tornar invisível nos meses de reclusão por meio do silêncio, da evitação de lugares públicos e ocultação de sua imagem. Nessa perspectiva, a construção do corpo em nossa epistemologia gira em torno das interações entre os mundos de humanos e não humanos.

Sobre esse processo de perdas, alterações e substituições que nos afetam como povos que ainda sofrem cotidianamente com as consequências de todo o processo da colonização, a também indígena Vanessa Watts-Powless diz:

> "A colonização cessou nossa capacidade de comunicação com o lugar e pôs em perigo a agência entre as populações indígenas. A mente pré-colonial foi confrontada com uma agência diminutiva e o processo pelo qual garantimos nossa própria habilidade de interagir e conversar com não humanos e outros humanos ficou comprometido. A interrupção desse processo original vai além da perda de uma forma de identidade ou visão de mundo indígena e como elas são praticadas." (WATTS-POWLESS, 2017, p. 256).

No contexto das lutas que nós povos indígenas enfrentamos na atualidade, em que buscamos o reconhecimento de nossas diferenças epistêmicas e culturais,

em que o protagonismo indígena nas elaborações acadêmicas, onde os povos indígenas atuem como sujeitos ativos nessas elaborações, se torna uma forma de afirmação de nossas epistemologias e de descolonização. Todo esse processo em busca de uma forma de evitar que nossos conhecimentos sejam perdidos, ou substituídos, uma estratégia de resistência contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem. *Antropologia colonial no caminho da antropologia indígena*. Novos Olhares Sociais, v. 2, n. 1, p. 22-40, 2019a.

BANIWA, Gersem. *Desafios no caminho da descolonização indígena.* Novos Olhares Sociais, v. 2, n. 1, p. 41-50, 2019b.

BARRETO, João Paulo Lima. *Wai-Mahsã*: *Peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena.* 2013. 93f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. Novos Estudos CEBRAP, n. 21, p. 133-157, 1988.

CARVALHO, José Jorge. *O olhar etnográfico e a voz subalterna.* Horizontes Antropológicos, v. 7, n. 15, p. 107-147, 2001.

KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. *Wato ne hômpu ne kãmpa: convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mãkrarè*). 2017. 147 f., Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

WATTS-POWLESS, Vanessa (Mohawk e Anishnaabe). *Lugar-pensamento indígena e agência de humanos e não humanos (a primeira mulher e a mulher céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!*). Espaço Ameríndio, v. 11, n. 1, p. 250-272, 2017.